

OLÍVIA

Passei dez dias em Mogi das Cruzes, onde, exclusivamente, fui cheirar as crias. Conversei bastante com os dois filhos que lá residem, brinquei bastante com as três netinhas (Marianinha, Laurinha e Adrianinha), que são bonitas "pacas". Durante todo o tempo, estive no céu. Devo ter enchido o saco das duas noras (Penha e Miriam), pelo que peço desculpas. Na verdade, elas são muito boas e pacientes, não merecendo minhas implicâncias senis.

Além de conviver, brincar com as crianças, ler dois livros emprestados (ninguém mais agüenta comprá-los), joguei pôquer, sete-e-meio, "snooker" e xadrez, com o computador. Este último jogo é fascinante, variando numa escala (de complexidade) de zero a seis. Do número 3 em diante, o "desgraçado" do computador me triturou. Não consegui vencer uma só partida. Para justificar meu fracasso, inventei uma desculpa: é que o dito cujo joga sem ter emoções (irritação, impaciência) e necessidades físicas e, por esse motivo, sempre ganha.

Logo no dia que cheguei, meu filho Perseu comprara uma impressora de texto (chamada Olívia), que trabalha acoplada ao computador. Esta crônica (com o auxílio do filho

mencionado) foi redigida no teclado do computador, projetada no vídeo e corrigida sem o uso de borracha. Com o trabalho pronto, o simples acionar de algumas teclas imprimiu o texto em trinta e oito segundos. Vou repetir: esta crônica foi passada para o papel (com margem nos dois lados, parágrafos perfeitamente centrados, sem erros) em trinta e oito segundos. A rapidez e a perfeição chegam a humilhar a gente.

E aqui vai um conselho para todas as crianças, estudantes, profissionais liberais, comerciantes, industriais, lavradores, criadores de gado, donas de casa. No futuro, quem não se enquadrar, quem não conhecer a informática, estará perdido, ficará para trás pois a computação é abrangente, universal e já invadiu todos os setores da atividade humana, diminuindo o trabalho e aumentando o tempo para o lazer.

Passei mais de três décadas exercendo a profissão de advogado, datilografando petições, recursos, razões, redigindo contratos, estudando, pesquisando a jurisprudência, lendo a doutrina do direito. Enfim, um mundo de trabalho cansativo, extenuante, com dores nas costas e erros sem conta. Perdi um tempo enorme, pois minhas tarefas poderiam ter sido feitas numa fração do tempo gasto, sobrando-me oportunidades para as coisas boas da vida: lazer, viagens, pescarias, convivência com a família e amigos, leituras, artes. Obviamente, poderia ter ganho muito mais dinheiro, com muito menos esforço,

apresentando trabalhos de elevado padrão cultural e técnico. Que pena não ter tido um computador, uma impressora Olívia. Como é triste ter sido desaparelhado e ignorante.

Este final foi redigido em Itápolis, datilografado na minha velha e caquética máquina de escrever Olivetti. Formei as palavras, catando letra por letra (como uma galinha come milho, um a um), com esforço e sacrifício. Cometi e corrigi vários erros. São oito horas da manhã. Estou sentado na mesa da sala grande de minha casa, atrapalhando a limpeza do lar, com razão, minha paciente e dinâmica esposa já implicou comigo três vezes. É fogo ser aposentado e ficar o dia inteiro dentro de casa, como um verdadeiro trambolho.

Acho que no futuro, tudo vai mudar, inclusive o amor. Já tenho lido que certos computadores sofisticados, de quarta geração, já conversam com a gente, traduzem (ou vertem) línguas estrangeiras, obedecendo a voz personalizada do dono. Existem robôs que fazem o trabalho doméstico (lavar, cozinhar, limpar a casa). Certamente, os robôs vão ser aperfeiçoados, até chegar o dia em que a máquina se tornará até parceira sexual do homem, conhecendo todas suas necessidades e anseios. Será u'a mulher perfeita, que além da comida, nos dará afeto, a qualquer hora do dia ou da noite, sem ter dor de

cabeça, menstruação, sem fazer exigências, sem falar desnecessariamente, sem fazer compras adoidadamente. Para um robô-mulher perfeitamente programado, eu serei sempre bonito e jovem, havendo a possibilidade de concretizar-se um velho sonho do macho.

Com bastante dinheiro, qualquer um poderá ter um harém de mulheres-robôs: loiras, morenas, mulatas, pequenas, grandes, novas, velhas, maternais, cultas. Vai ser uma beleza! Só tem um pequeno inconveniente e é isso que me "encapeta": A par do robô-mulher, vai ser criado o robô-homem, o que será um verdadeiro desastre...